

1989
INFORME ENCAMINHADO A CII/FUNAI E A 4 SUER/FUNAI

CEDI - P. 1. B

DATA 05/05/94
WAD 00056

Informação sobre índios isolados no Amapá

segundo o grupo indígena que vive na região do Alto Amapari, o grupo contava com cerca de 100 indivíduos.

1. A área historicamente habitada pelos Waiãpi é muito mais ampla que a atual delimitação da AI Waiãpi. As tradições orais do grupo assim como as referências de viajantes que percorreram o Amapá no século XIX indicam claramente que a área do alto Amapari e alto Araguari era ocupada - inclusive com notável densidade - pelos Waiãpi (ver, especialmente, Henri Coudreau, 1893 que visitou várias aldeias nessa área).

2. As notícias mais recentes sobre a presença de um pequeno grupo indígena isolado na região das cabeceiras dos rios Amapari e Anakui datam de 1987.

Em abril/maio, a CPRM realizou pesquisa ao longo do Amapari, subindo até o afluente Anakui e nessa zona, encontrou vestígios de ocupação indígena.

Em junho/julho garimpeiros procedentes de Pedra Branca (garimpo situado a margem da Perimetral) passaram dois meses no alto Amapari, chegando até as cabeceiras, acima das cachoeiras. Encontraram sinais de ocupação indígena à margem do rio: cascas e sementes de urucu amassadas nas pedras, vários moquens recém-utilizados, restos de cunani batido (veneno para pesca) pouco acima da cachoeira.

Os garimpeiros voltaram, com medo de prosseguir rio acima. De acordo com Iberê Sassi, os garimpeiros informaram que já haviam encontrado vestígios anteriormente, na mesma região.

3. De acordo com os Waiãpi (AI Waiãpi - PI Amapari) trataria-se de um grupo local da mesma etnia, com quem os habitantes do Inipuku e Aimã tiveram contatos cerca há cerca de 20 anos.

O grupo isolado é designado como "Mapari wan" e descendem do "tamo Jawarakare", um líder importante que provocou a cisão deste grupo nos anos 40, após uma briga com seus irmãos. Jawarakare também se desentendeu com o grupo local que habitava o Pirawiri, liderado por "tamo Jawi" que tentou raptar uma de suas esposas. Depois disso, fugiu com seu grupo rumo as cabeceiras do Amapari onde permaneceu isolado durante muito tempo.

Foi somente nos anos 60 (Kassiripina tinha cerca de 12 anos) que os Waiãpi do Inipuku encontraram membros do grupo do Amapari: Jawarapokwer, Kanajo, Parikuru, Urukura'yr, Makekusiri, que voltavam do Pirawiri e acabaram morrendo todos de gripe, no Aimã, onde foram recebidos pelo grupo de Tsiro. Alguns membros do grupo - sobreviventes da gripe - se reuniram ao grupo Waiãpi do Oiapoque, onde tem descendentes até hoje: Sisiwa e Tumia. Também no Amapari há descendentes desse grupo local: Tue-Tue (ou Kururu), nora do Capitão Waiwai.

4. De acordo com os Waiãpi do Oiapoque (Guiana Francesa), especialmente Hamama (que visitou o Amapari em 1987), o grupo

ainda vive nas cabeceiras do Araguari. Os índios do Oiapoque tiveram informações do "Amapari wan" através da chegada, anos atrás, de um velho casal procedente das cabeceiras do Araguari. Segundo os velhos, que preferiram ficar no Oiapoque, o grupo contava com cerca de 70 pessoas.

Dominique Tilkin Gallois

12.06.89

23.09.91

INFORMAÇÃO SOBRE A PRESENÇA DE

INDIOS WAIÁPI ISOLADOS NO ALTO RIO AMAPARI (AMAPÁ)

Apresentação

Notícias - ainda escassas e confusas - sobre a presença de índios isolados na região das cabeceiras do rio Amapari vem se alastrando ultimamente na região de Serra do Navio / Amapá.

Trataria-se de um sub-grupo Waiápi, separado do restante da comunidade há cerca de 40 anos. Esse grupo ocuparia uma zona montanhosa de difícil acesso, que tem sido frequentada apenas por gateiros (no início da década dos anos 70) e por alguns garimpeiros (na década de 80).

Nos últimos meses, as penetrações de garimpeiros tem se incrementado em toda a região, especialmente na área onde há vários anos vem sendo notificados sinais de ocupação indígena.

Preocupados com a perspectiva de um contato desastroso dos garimpeiros com o grupo isolado, a comunidade indígena Waiápi solicitou o encaminhamento do presente documento à CII/FUNAI, propondo algumas medidas urgentes para a localização do grupo isolado.

Breve histórico do grupo do alto Amapari

A área historicamente habitada pelos Waiápi é muito mais ampla que os limites da AI Waiápi interditada. As referências de viajantes que percorreram o Amapá no século XIX e início do século XX atestam a presença de várias aldeias na região das cabeceiras do Araguari e do Amapari (ver especialmente: Coudreau, 1893 e outras referências citadas por Gallois: 1986).

Numerosos elementos da tradição oral dos Waiápi do Amapá, assim como informações fornecidas pelos Waiápi de Camopi (Guiana Francesa) atestam a separação, há cerca de 40 anos, de um grupo local dissidente da facção setentrional da etnia. Tratava-se dos familiares de tamo Jawarakare que, após um conflito com o grupo Waiápi do alto rio Cuc, foi refugiar-se nas cabeceiras do rio Amapari (razão pela qual o grupo é conhecido como Mapari wan).

Em meados da década de 60, os Waiápi do alto Inipuku encontram alguns membros do grupo dissidente em visita nas aldeias do alto Cuc/Pirawiri, que informaram sobre a existência de outras famílias no alto Amapari. Outros indivíduos daquele grupo, que migraram para as aldeias da Guiana Francesa no mesmo período e vivem até hoje em Camopi, também informam sobre a permanência de famílias isoladas no Amapari.

Apesar da longa separação e da inexistência de contatos posteriores, os Waiápi do Amapari consideram como perfeitamente plausível a existência de remanescentes do grupo dissidente Mapari wan. Explicam o isolamento

pela gravidade dos desentendimentos ocorridos no passado, que teriam levado esse grupo a manter-se afastado dos longínquos parentes. Por outro lado, atribuem a ausência de contatos posteriores às características geográficas da região montanhosa das cabeceiras do Amapari, que constitui-se numa barreira natural em relação às cabeceiras do Pakwar e Inipuku, que delimitam a Al Waiãpi.

Notícias sobre a presença indígena no alto Amapari

Em 1972, moradores da região de Serra do Navio realizavam frequentes entradas na região do alto Amapari, onde atuavam como gateiros ou garimpeiros. Numa dessas viagens, foram acompanhados por índios Waiãpi que eles haviam contactado no rio Aroã e que trabalhavam como "caçadores". Junto com os índios - entre eles Kurapia - chegaram a percorrer o igarapé Anakui e seu afluente Água Branca, onde localizaram várias capoeiras, esteios de casa e recolheram uma cerâmica. No dia 8 de setembro, acompanhando o índio Kurapia, fomos visitar um dos membros daquele grupo de gateiros/garimpeiros, Sr. Algemiro, na vila do Cachaço (em frente à Serra do Navio). Este confirmou essas informações acima e declarou não ter voltado ao alto Amapari, razão pela qual nunca mais ouviu notícias sobre presença indígena naquela região.

Em abril/maio de 1987, a empresa de mineração CMP enviou uma equipe de pesquisa que percorreu o alto Amapari e seu afluente Anakui. Membros daquela equipe informaram o então chefe de posto Iberê Sassi terem encontrado várias capoeiras indígenas.

Em junho/julho do mesmo ano, garimpeiros procedentes de Pedra Branca (ao sul de Serra do Navio) passaram dois meses no alto Amapari, na região de cachoeiras que delimitam a zona de formadores do rio. Um pouco acima da cachoeira, encontraram sinais de presença indígena recente: cascas e sementes de urucu nas lages do rio, vários moquens recém-utilizados e restos de cunani batido (veneno para pesca). Com medo de prosseguir rio acima, os garimpeiros voltaram. De acordo com Iberê Sassi, os mesmos garimpeiros informaram que já tinham encontrado vestígios indígenas em estadias anteriores no alto Amapari.

Garimpeiro encontra dois índios no alto Jiquitaia

Em março de 1991, dois garimpeiros que trabalham para o Sr. Jurandir no alto igarapé Jiquitaia (afluente da margem direita do Amapari) dizem ter encontrado dois índios na cabeceira do mesmo igarapé.

No último dia 8 de setembro, estivemos com o índio Kurapia e o chefe de posto Dilson Marinho no garimpo de Sr. Jurandir e conversamos com "Negão", que relatou o ocorrido e declarou não ter absoluta certeza de ter identificado "índios". No entanto, as informações que forneceu - elementos de vestimenta, pintura vermelha, atitude, etc... - pareceram convincentes à Kurapia.

A cabeceira do igarapé Jiquitaia é muito distante dos locais onde, anteriormente, foram vistos sinais de ocupação indígena; mas não é impossível que esses índios tenham percorrido caminhos abertos por garimpeiros, junto aos quais podem ter procurado contato. Fatos como esses são extremamente frequentes na história do contato de grupos isolados.

Recente penetração de garimpeiros no ig. Anakui

Na vila garimpeira de Pedra Branca, obtivemos informações sobre a presença de cerca de 100 garimpeiros no alto Amapari, que seguiram em 4 batelões rumo ao igarapé Anakui, por volta do dia 15 de agosto. Esta já seria a segunda entrada do grupo, este ano, para exploração de ouro na região do alto Amapari. A empreita foi financiada por um garimpeiro de Itaituba, conhecido como "Mucuí", que adquiriu 40 sacas de farinha e se abasteceu em Pedra Branca. Dois aviões estacionados na mesma localidade estão dando apoio aos garimpeiros, que devem ficar vários meses no local e certamente estão abrindo pista de pouso.

Medidas de localização/proteção do grupo isolado

Em acordo com a solicitação dos líderes Waiãpi, propomos a seguir algumas medidas urgentes, visando a localização do grupo isolado:

Informação:

- dar continuidade ao levantamento de informações sobre a presença de índios no alto Amapari; recolher e verificar os indícios, especialmente junto à SUCAM e outros órgãos implantados na Serra do Navio e Macapá;
- incluir este grupo na lista de grupos isolados estabelecida pela CII/FUNAI para acompanhamento sistemático;
- em colaboração com a Administração Regional de Macapá, estabelecer contatos com entidades governamentais que possam identificar grupos garimpeiros e/ou empresas de mineração que atuam na região do alto Amapari: em particular, estabelecer contato com o DNPM e com o IBAMA para verificar se esses grupos atuam em conformidade com a legislação em vigor.

Localização:

- Realizar um sobrevôo das cabeceiras do alto Amapari para verificar a existência de aldeias e/ou outros indícios de presença indígena; na mesma oportunidade, localizar a presença de garimpos, pistas e avaliar a extensão desta ocupação garimpeira;
- a importância deste sobrevôo justifica-se também pela necessária fiscalização do limite leste da AI Waiãpi - especialmente cabeceiras dos rios Inipuku e Pakwar - que podem ser intrusados pelos grupos garimpeiros que atuam na região do alto Amapari;

Ciente das dificuldades enfrentadas pela Funai para atender a todas as áreas indígenas do país, consideramos no entanto prioritário realizar esta medida mínima de proteção de um grupo que pode estar, no presente momento, sofrendo as consequências de um contato desastroso com garimpeiros.

Razão pela qual subscrevemos à preocupação dos índios Waiãpi que se dispõe a realizar, por iniciativa própria e com o mínimo de recursos, a busca do grupo isolado por via fluvial e terrestre, caso sua presença seja confirmada através de sobrevôo. Consideram que esta etapa preliminar

é indispensável, tendo em vista a necessidade do reconhecimento prévio nos quatro formadores do rio Amapari.

Nesse sentido, os líderes daquele grupo pretendem solicitar ao governador do estado do Amapá apoio para realizar um voo de reconhecimento. Um pronunciamento da CII/FUNAI seria fundamental para apoiar a iniciativa dos Waiãpi junto ao governo estadual. Caso este não possa atender a solicitação, será necessária a inclusão do sobrevôo num dos voos do avião da Funai.

Sem mais no momento, coloco-me à disposição da CII/FUNAI para outras informações.

São Paulo, 23 de setembro de 1991

Dominique Tilkin Gallois

Informação sobre Waiãpi isolados

Índios Aramuru encontrados por garimpeiros

De acordo com os índios Waiãpi que estiveram em novembro de 1992 no Camopi (rio Oiapoque, Guiana Francesa), garimpeiros encontraram índios isolados, que identificaram como Aramuru, nas cabeceiras do rio Mutaquere, afluente da margem direita do alto Oiapoque. Segundo essas informações, o contato teria ocorrido há pelo menos seis meses (em meados de 1992) e, desde então, os garimpeiros frequentam regularmente uma das aldeias, que estaria situada muito perto do garimpo.

Os Waiãpi identificam esses índios como o sub grupo *Amapari wan*, que há vários anos eles estão procurando localizar. Em concordância com os Waiãpi do Oiapoque, que também tem lembranças precisas da separação deste sub-grupo, os Waiãpi do Amapari consideram que o nome *Aramuru* seja apenas um nome próprio (ver histórico do grupo do alto Amapari, relatório 91).

Os índios do Amapari, muito preocupados com a presença de garimpeiros na aldeia deste grupo, se dispõem a procurar e encontrar o grupo, ainda neste "inverno". O líder Kumai, da aldeia Aramirã, pretende ir em março para Camopi e será acompanhado por alguns índios da aldeia Taitetuwa e sobretudo por Teju, de Mariry, que é descendente direto do grupo *Amapari wan*.

Antecedentes

Presença dos isolados no alto Amapari

Há pelo menos 8 anos, vem acumulando-se notícias sobre a presença de um grupo Waiãpi isolado, que ocuparia uma área à oeste da AI Waiãpi. Enviei dois pequenos relatórios ao Departamento de Índios Isolados da Funai, em 1989 e 1991 (cópias em anexo), com as indicações fornecidas pelos Waiãpi. As buscas que foram realizadas em 91 e 92 (dois sobrevôos e entrevistas com garimpeiros da região de Serra do Navio) não trouxeram nenhuma confirmação da presença do grupo no alto Amapari, como supunham os Waiãpi.

Garimpos no alto Oiapoque

Em julho de 1991, estive em Camopi e entrevistei garimpeiros que ocupam a vila situada em frente à aldeia. Eles afirmaram na época que há vários anos trabalhavam na margem direita do alto Oiapoque onde estavam abrindo novas frentes de trabalho. Mencionaram um local muito promissor, sobre o qual recusaram dar detalhes por

estar ainda em "segredo" (cfr. entrevista em vídeo, cópia na ADR Macapá). Não sabemos se, na época, já tinham localizado as aldeias dos isolados.

Após uma primeira corrida ao ouro no baixo e médio Diapoque em 87, esta atividade diminuiu até o ano passado. Segundo as notícias dos Waiãpi que estiveram em Camopi, em 1992, aumentou novamente a presença de garimpeiros, inclusive na margem francesa. E como haviam informado em 1991, um grande contingente de garimpeiros está trabalhando na região das cabeceiras, além da aldeia Waiãpi Ytuwasu. Na passagem constante pelas aldeias, informaram aos Waiãpi o encontro com os Aramuru.

Imagem de satélite

A imagem de satélite (INPE, 1989) acusa nitidas manchas de desmatamento na região citada entre a ponta norte da AI Waiãpi e o alto curso do Diapoque. Essas manchas foram plotadas na cópia em anexo. De acordo com técnicos do CEDI/SP e geólogos da ICOMI/Serra do Navio, que consultamos, é muito difícil interpretar essas manchas sem acesso à "fita" que registra detalhes da imagem de satélite. No entanto, confirmam que se trata de desmatamento que pode resultar seja da presença indígena (mas sua extensão é muito maior que as manchas de aldeias habitualmente registradas pelo satélite) seja da presença (já antiga) de garimpos.

As informações disponíveis até o momento são ainda precárias, mas sem dúvida exigem averiguação, sobretudo tendo em vista a presença de garimpeiros.

Dominique T. Gallois
06/02/93

cópias para :DII/Funai Brasília, ADR/Belém e ADR/Macapá